

REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UM (RE) ENCONTRO COM A PALAVRA POÉTICA

Adrine Motley

RESUMO

Este texto relata a experiência de uma contadora de histórias, que acordou memórias de um tempo em que a poesia da voz fez morada definitiva em sua vida. Foram muitas lembranças, emoções, cheiros e afetos despertados por meio da arte de contar histórias. A voz que embalou suas lembranças desde a infância merece ser compartilhada para compor a grande Ciranda da Vida.

Palavras-chave: Histórias; Memória; Narrativa.

ABSTRACT

This text recounts the experience of a storyteller who awoke memories of a time when the poetry of the voice made definitive address in her life. There were many memories, emotions, smells and affections awakened through the art of storytelling. The voice that has packed your memories since childhood deserves to be shared to compose the great Ciranda of Life.

Keywords: Storytelling; Memory; Narrative.

E foi assim que tudo começou...

Que minhas mãos tratem com dignidade tudo que criaste e que meus ouvidos estejam atentos à tua voz.

Daniel Munduruku

Quando me propus a escrever um relato de experiência sobre a arte de contar histórias, pensei em tantos escritos já feitos e que talvez ainda não contemplassem este formato. Quanto já havia teorizado sobre esta arte, entretanto havia a necessidade de continuar, só que agora em forma de vivência sobre algo tão caro a mim.

Lembrei imediatamente do livro *O Banquete dos Deuses*, que é um relato sobre as experiências de um índio na tribo Munduruku, inclusive com o avô. O excerto que inicia meu relato ficou gravado na memória, quando me reencontrei com a palavra poética que morava em mim e assim o decorei, acredito que deva ter passado pelo meu coração como nos afirma Eduardo Galeano (1997, p. 10) no Livro dos Abraços: “Decorar ou recordar é voltar a passar pelo coração?”. Dessa forma, exatamente assim vem acontecendo comigo desde muito pequena, meus ouvidos sempre estiveram atentos a esta voz, que se apresenta desde a minha infância.

As vozes da infância

A arte de contar histórias apresentou-se, inicialmente, pela voz de meu pai. Raidóh, ou RS, Rei Solitário como ele se denomina, reunia a molecada na sala de uma casa antiga do Reduto onde morei por nove anos. Lá a casa vivia cheia de crianças e para o papai era uma

maneira que ele encontrava para não ficar ouvindo “grito de menino no pé do ouvido”.

Então, tudo começou assim...

“Era uma vez uma linda princesa que morava em um castelo. Mas era uma princesa muito triste, pois seu pai, o rei, não permitia que ela tivesse nenhum tipo de amizade. Então, passava as tardes na janela de seu quarto a pentear seus longos cabelos.

Um belo dia, o cavaleiro da corte adoeceu e ninguém dava conta da doença. Chamaram médicos, curandeiros, benzedoras e nada. Ele faleceu. O rei, então, mandou imediatamente que procurassem outro cavaleiro de igual competência. Os servos procuravam, anunciavam o nome e... o rei olhava dos pés a cabeça, balançava negativamente a cabeça e nada. Os servos já estavam cansados de procurar quando anunciaram o cavaleiro Mário. O rei ficou surpreso e aceitou na hora.

No dia seguinte, quando o cavaleiro Mário estava, no estábulo, a cuidar dos cavalos viu uma jovem muito bela a pentear seus longos cabelos. Ele se apaixonou por ela e ela por ele. Começaram um namoro às escondidas, mas, em uma noite de lua cheia, um dos servos viu os dois namorando e foi contar para o rei. Ele muito chateado trancou a princesa em um lugar mais alto da torre. Porém, a princesa era feiticeira e conseguiu mandar um bilhete para o cavaleiro Mário que dizia assim: “Cavaleiro Mário, me encontre à meia noite no estábulo e pegue o cavalo de nome Relâmpago, porque se você pegar o Trovão meu pai pode nos alcançar”. O bilhete chegou até Mário que vibrava de felicidade. Preparou o cavalo e aguardou. Mas, infelizmente, um dos servos encontrou o bilhete e o levou até o rei, justamente no momento em que eles iam fugir.

A princesa como era feiticeira levou com ela objetos mágicos e três saquinhos: um com sabão; outro com cinzas e outro com sal. Conseguiu descer da torre e quando estava próximo, foi abraçar Mário. Nesse momento, eles avistaram o rei e sua tropa indo em direção aos dois. Rapidamente subiram no cavalo, porém foi o cavalo errado, o Trovão, devido à pressa.

O rei muito chateado subiu no cavalo Relâmpago e foi sozinho em direção à princesa. Quando se aproximou cantou assim: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou o saquinho com sabão. Imediatamente se transformou em uma ladeira enorme de sabão que o rei com muita raiva conseguiu ultrapassar, aproximar-se novamente dos dois e cantar: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou

outro saquinho, agora com cinzas. Uma fumaça tomou conta do lugar e quando o rei se deparou ele estava em cima de uma montanha de cinzas. Ele galopou muito e conseguiu novamente ultrapassar a montanha e cantar: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou o último saquinho com sal. O Rei não enxergou absolutamente nada, mas o saquinho se transformou em um mar agitado e nunca mais ninguém ouviu falar do rei.

A princesa e Mário prosseguiram viagem. No raiar do dia avistaram uma cidade e lá procuraram onde ficar. Encontraram um local, mas não tinham o que comer, então quando Mário já ia sair, a princesa o alertou: Mário não deixe ninguém passar pelas suas costas, se não, você esquecerá de toda nossa história e todo nosso amor.

Ele saiu preocupado, mas alguém falou com ele e o distraiu, deixando uma senhora passar pelas suas costas. Como em um passe de mágica ele esqueceu toda história.

A princesa chorou dias e noites porque Mário não voltava. Então, ela decidiu fazer um espetáculo com bonecos. Conseguiu o local e saiu anunciando para toda cidade: “Venham assistir! Hoje sete horas da noite, espetáculo com bonecos!” Quando estava tudo preparado para iniciar o espetáculo, a princesa resolve olhar por entre as cortinas e viu Mário sentado na primeira fila, mas acompanhado. Ela quase desiste, porém resolve contar a história deles. O espetáculo inicia com uma boneca perguntando: “Cavaleiro Mário, você se lembra que me amava muito, mas o meu pai proibiu o nosso namoro?” O boneco responde: “Não, eu não me lembro!”. Nesse instante, a princesa pega uma agulha mágica e cutuca o bumbum do boneco. E o Mário da plateia começa a se lembrar de uma história... A boneca pergunta, outra vez: “Cavaleiro Mário, você se lembra que nós resolvemos fugir para viver o nosso amor?” O boneco responde: “Não, eu não me lembro!”. Nesse instante, a princesa pega uma agulha mágica e cutuca o bumbum do boneco. E o Mário da plateia começa a se lembrar de toda a história. A boneca, então, continua: “Cavaleiro Mário, você se lembra que eu lhe disse para não deixar ninguém passar pelas suas costas, senão você esqueceria de toda nossa história e todo nosso amor?” Antes do boneco responder, o cavaleiro Mário se levanta e diz: “Eu me lembro!”. Imediatamente retira a princesa de trás das cortinas, conta toda a história para plateia, pede desculpas à nova namorada, mas diz que sem o grande amor de sua vida ele não poderá viver. Os dois se abraçam e eles foram felizes para sempre.”

Esta é a história que ficou gravada na memória e escrita em meu coração. Na

universidade a intitulei de Princesa Feiticeira. Foi ela que veio em minha memória quando realizávamos um trabalho em equipe sobre narrativas da infância, mas conto daqui a pouco sobre essa história.

Outra voz que permeia minha infância é a de minha mãe, Maria do Rosário. Ela que me incentivou a ler, pois quando chegava cansada do trabalho ainda tinha de me fazer dormir e lia revistas em quadrinho com tanta fluência que despertou em mim um desafio: preciso ler tão rápido quanto mamãe. E foi assim que conquistei o título de melhor aluna da alfabetização, minha professora me levava várias vezes para ler na frente da madre superiora, no colégio religioso em que estudava.

Além disso, quando a noite chegava mamãe reunia-se com outras mães e suas crianças em frente a um prédio de poucos andares e lá nossas mães brincavam de roda conosco. Lembro muito desta cantiga:

- Senhora Dona Sancha,
coberta de ouro e prata,
Descubra seu rosto,
que nós queremos ver!

- Que anjos são esses,
que estão me arrodando
É de dia, é de noite,
Padre Nosso, Ave Maria.

- Somos filhos do Rei,
somos netos da Rainha,
Que mandou nos esconder,
Lá debaixo da palmeirinha.

Valetim, tim, tim,
Valetim, meu bem,
Quem tiver inveja,
faça assim também!

Esse era um dos momentos mais esperados: a brincadeira de roda. Essa voz que contava e cantava as cantigas de forma tão melodiosa, na qual todo o corpo se envolvia para o momento do ouvir. Mamãe se divertia brincando com a garotada e ela conseguia com que todas as outras mães se envolvessem. Para nós crianças, era o dia mais feliz de nossas vidas.

Outra voz marcante foi de uma tia chamada Márliã. Ela com um olhar graúdo, olhos verdes profundos, fazia caras e bocas ao contar histórias de terror, eram as suas prediletas. Ela tinha o prazer em ouvir os gritos da plateia (seus sobrinhos).

Quando morou um ano conosco, cursava o Magistério, na antiga escola IEEP (Instituto de Educação Estadual do Pará). Nós nos encontrávamos no horário do almoço e minha memória revive o dia em que ela chegou dizendo que tinha uma história para me contar, porém era de terror e estava pensando se iria contar ou não, pois eu não ia conseguir dormir. Isso era tudo que ela não poderia dizer, já que minha imaginação se aguçava e desse modo, eu quase implorava para que ela me contasse, até que contou. Era uma história envolvendo uma boneca que acabara de ganhar: a boneca da XUXA, que tanto amava. O que aconteceu com a minha relação e a boneca, conto outra vez.

Além disso, minha tia trouxe do convento, em que morou, uma brincadeira chamada “Mulher descabelada”. Esta brincadeira começava com uma narrativa e dois objetos peculiares nas mãos: um terço e uma santa luminosos: “À meia noite em um

cemitério da cidade, saía uma mulher descabelada de sua tumba, com uma faca na mão, passando manteiga no pão...”.

O restante da narrativa ficava para a imaginação e para o próximo que assumisse o lugar da mulher descabelada, porque ao ouvirmos a palavra pão, os gritos e a correria começavam. Titia, como carinhosamente a chamo, foi uma contadora que também marcou minha infância. Hoje, aos 36 anos de idade, quando nos encontramos ainda na casa de minha avó, relembramos, em altas gargalhadas, este tempo de saudade e tantas histórias para contar.

Vozes entretecendo voz

Na adolescência eu já era leitora e comecei a decorar alguns textos poéticos. Minha irmã saía para aula, em um turno diferenciado do meu. Enquanto isso, eu curiosamente, e “politicamente incorreta”, abria a gaveta, pegava sua agenda e começava a ler. Eram tantas anotações de poemas, que decorei, de tantas vezes que abri e fechei a agenda. Eis que lhes apresento um deles, de Cecília Meireles:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,

— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Tempos depois, no ano de 2000, eu o reencontro. O mesmo poema foi escolhido pelo grupo *Griot* para ser o “abre-alas” das apresentações do grupo. Lembro-me da primeira vez em que o escolhemos para compor o repertório. O grupo decidiu que faríamos juntos e que ele iniciaria nossas apresentações. Fiquei muito feliz com a ideia, pois o sabia decorado desde a adolescência.

Por falar em adolescência minha trajetória no grupo de contadores de histórias da UEPA começou aos 17 anos de idade. Foi no ano de 2000, que eu, Adrine Motley, e uma grande amiga, Ana Cláudia Moscoso entramos para o grupo de contadores de histórias da Universidade do Estado do Pará.

Neste mesmo ano estávamos no 3º semestre do Curso de Formação de Professores, quando, em uma dinâmica, fomos instigadas a ativar nossa memória e puxarmos do nosso baú de recordações, histórias que nos foram contadas na infância. Foi uma maravilhosa viagem a uma época, onde a fantasia tinha prioridade.

Dentre as narrativas que surgiram, optamos por uma e teorizamos sobre ela nos campos da Psicologia, Biologia e Formas de Expressão e Comunicação Humana. Escolhemos a história da “Princesa Feiticeira”, que ouvira de meu pai. Este conto transformou-se em uma belíssima apresentação, que buscava

mesclar a arte de contar histórias com a técnica da pantomima.

A coordenadora do grupo, na época, era nossa professora de Formas de Expressão e Comunicação Humana e ficou tão maravilhada com o que viu que nos convidou para participar do grupo. Ela possuía e possui um vasto conhecimento teórico na área e nos fez enxergar o que nós ainda não tínhamos visto: que havia uma veia de Sherazade, que precisava ser exercitada.

No início acompanhávamos as apresentações do grupo, contando a história da “Princesa Feiticeira”. Porém, em pouco tempo, já dávamos nossos primeiros “voos”. Começamos, então, a entrar no mundo dos versos, enveredamos pelas linhas dos mais diferentes e importantes poetas da literatura.

Sendo assim, o narrador nada mais faz do que emprestar seu corpo ao texto e para que todo esse encantamento se cumpra, é necessário que exista todo um trabalho de voz e gestos, que no grupo é feito a cada encontro, como diz Heloísa Prieto (1999, p. 41): “Decorar uma narrativa, ou um poema, é uma forma de possuí-los”.

Todos os participantes do grupo estimulados pelos contos, nos tornamos leitores, buscando em diversos autores, subsídios para, da melhor forma possível, desenvolver nosso trabalho.

O trabalho continuou, e no ano de 2001 aumentou a quantidade de convites para apresentações fora dos muros da Universidade. Porém, o grupo perdeu muitos componentes devido ao término do curso.

A partir de então, o grupo constituiu-se somente de mulheres: Adrine, Ana Cláudia, Alessandra, Andréa, Dia, Rita e Simone, o que nos leva a pensar em tantas mulheres tecelãs que conhecemos em nossas andanças por meio dos textos.

O tempo passava e nos tornamos mulheres tecelãs de linhas, de letras, de palavras no labirinto da vida o que nos remete à mitologia grega e o famoso fio de Ariadne:

Aquela que tece com perfeição os fios que irão um dia orientar sua própria saída do labirinto, desafiando o patriarca e derrotando o tirano. E criar um novo tecido. Uma trama, talvez. Uma linhagem certamente (MACHADO, 2001).

Após diversas aventuras vividas, o grupo no final de 2001, começa a ser visto como um Projeto de Extensão aos olhos da Universidade. Os membros do grupo passam a ser bolsistas desse projeto. E, nesse período, já contávamos com dois rapazes, o Keydson Costa e o Paulo Feio Felipe.

Neste contexto, nós nos tornamos o Grupo de Contadores de Histórias da Uepa *Griot*, nome escolhido com a colaboração da Prof. Dr. Josebel Akel Fares. Após muitas pesquisas, membros do grupo e coordenação chegaram ao termo *Griot*, uma vez que dentre tantos grupos de contadores existentes no Brasil, a maioria destes homenageia nossos irmãos indígenas, e elas resolveram homenagear nossos irmãos negros, pois este termo é de origem francesa que designa “os homens-memória de tribos africanas que guardam na mente a história dos seus

antepassados”(SANTANA; SIMÕES, 2016, p. 136)

O tempo passou e outros caminhos foram trilhados pelos membros do *Griot*. Houve uma pausa necessária para que todos tivessem a oportunidade de alçar outros voos, viver novas experiências e seguir novos caminhos ou optar em percorrer os velhos já conhecidos.

Dessa maneira, fui conhecer novos contadores que carregavam consigo uma peneira de sonhos e poesia a la Manoel de Barros. No ano de 2009 entrei para o Grupo *Ayvu Rapyta*, que traz como um de seus significados, palavra habitada.

No início de sua trajetória, o Grupo estava vinculado a SEMEC (Secretaria Municipal de Educação), órgão que trabalhei como professora alfabetizadora. Após várias reuniões, os participantes optaram por seguir de maneira autônoma, um desafio de contar histórias em espaços diferenciados como periferias e praças públicas, escolas além dos muros da Secretaria Municipal. Foram experiências enriquecedoras com contadores de histórias entre 20 e 80 anos.

Além disso, no mesmo período, comecei a me lançar; a realizar apresentações individualmente, já que minhas experiências eram em grupos.

Era ano de 2010 e eu fui conhecer uma livraria na cidade de Belém que estava com uma proposta de formar público ouvinte de histórias e leitores. Iniciei um trabalho que manteve por mais de um ano e de forma bastante satisfatória, já que o objetivo foi

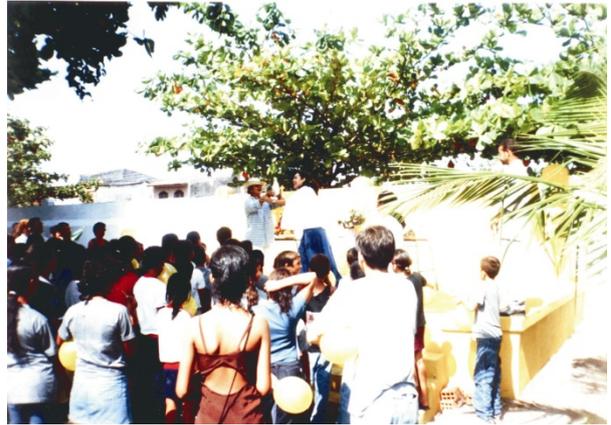
alcançado. Tínhamos um encontro todo sábado às cinco da tarde e a resposta era ver crianças e pais lendo livros juntos ao final da sessão de contação de histórias.

As imagens que seguem trazem um pouco de minha memória registrada por amigos e conhecidos que se encontram em meu acervo pessoal e do grupo *Griot*.

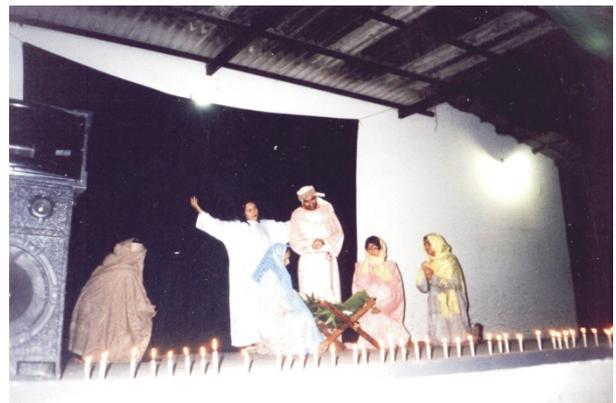
As vozes em *performance*



O grupo em ação com a oficina de Literatura Infantil na Semana Acadêmica de 2000, socializando conhecimentos com os estudantes da UEPA e do interior.



O grupo participou do “UEPA NO CÍRIO”, fazendo uma *performance* que demonstrava o que aconteceu quando a imagem da Santa foi encontrada. O evento contou com a participação dos alunos da Escola Vera Simplicio.



O último evento de 2000 foi o Auto de Natal. O grupo contou a história do Nascimento de Jesus a toda a comunidade acadêmica.



interesse para com os contos e entrada para o Grupo de Contadores de Histórias.



O Grupo participou do II Simpósio do Curso de Formação de Professores, fazendo uma homenagem aos autores paraenses.



No ano de 2001 a primeira apresentação ocorreu na Semana Acadêmica do CCSE e nós resolvemos pintar somente um lado do rosto, e a roupa preta, caracterizando assim um vínculo do contador com o teatro, e a partir de então o grupo adotou esta marca.



Grupo *Griot* durante a Gravação de vídeo em 2013



Apresentação individual 2012.



Ainda durante a VII Semana Acadêmica no espaço da Biblioteca Paulo Freire, grupo se apresentou declamando poemas de diferentes movimentos literários brasileiros.



Ainda em 2001, o grupo participou do “NATAL DA UEPA”, declamando das janelas da Reitoria, poemas relacionados com a época.



Neste momento, o Grupo aparece ministrando uma oficina sobre a arte de contar histórias, para alunos do campus da UFPA, em Altamira, pelo Projeto IFNOPAP.



Apresentação do Grupo *Ayvu Rapyta* na feira de Livro em 2009



Apresentação no II IFNOPAP. Ano de 2001



Jornada de Estudos Linguísticos e Literários ano 2002



Durante a visita do escritor Salomão Larêdo, o grupo o homenageou, ressaltando as lendas amazônicas em verso, e ainda declamando texto do próprio escritor.

O eco da poesia na voz

Contar uma parcela de minha trajetória pessoal na arte de contar histórias é um grande reencontro com o ser poético que habita em mim. Sinto-me grata em partilhar momentos de grande emoção, mas acima de tudo de descoberta do que atualmente é o significado desta arte em minha vida.

Apresentei algumas fases e em cada uma delas percebi que a tradição oral precisa se manter presente em diversos ambientes que estejam de portas abertas para a escuta dessa voz. Além do que, as narrativas se tornam vivas, no corpo e na voz de um contador de

histórias, o que estimula a *movência* da tradição.

Nos grupos em que tive a honra de participar e na convivência com diversos contadores de histórias, obtive grandes aprendizados, reflexões ímpares que me constituíram na contadora de histórias que hoje atua. Neste contexto, eu vi nascer e crescer um desejo: o de partilhar a palavra poética a todos que querem ouvi-la.

Por fim, posso afirmar que, a cada vez que conto uma história, seja na escola onde trabalho, seja para minha filha todas as noites antes de dormir, eu entrego o momento para a grande ciranda da vida. Dessa maneira, conecto-me com o que há de sagrado em cada narrativa. Por meio dessa voz, sinto-me conectada à Humanidade, desde tempos imemoriais.

Sendo assim, sigamos a voz da sabedoria popular nesse ouvir e contar histórias, a fim de manter sempre nutrida a sensibilidade e o imaginário. E, em *performance Griot: entrou por uma porta e saiu pela outra quem quiser que conte outra!*

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CECÍLIA MEIRELES. **Antologia Poética.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** 5ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: Sobre Leituras e Escritos.** Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: Conversa Sobre a Origem da Cultura Brasileira.** São Paulo: Angra, 2000.

PRIETO, Heloisa. **Quer ouvir uma História?** – Lendas e Mitos no Mundo da Criança. São Paulo: Angra, 1999.

SANTANA, Adrine; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro. Os contadores de histórias: uma experiência com o Grupo Griot de Belém do Pará. In: Traços e , 2016, p. 136

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Editora Hucitec. São Paulo: 1997.

Adrine Motley - adrinemotley@yahoo.com.br
Mestre em Estudos Literários pela UFPA (2015). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2002) e graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (2010). Especialista em Literatura e suas Interfaces pela UEPA (2004). Membro do grupo de pesquisa Contadores de Histórias, do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) da Universidade do Estado do Pará. Atua como professora e contadora de histórias.